

ANDREU PINTADO, Javier; REDENTOR, Armando e ALGUACIL VILLANÚA, Elena, eds. (2022) – *Valete Vos Viatores. Traveling Through Latin Inscriptions Across the Roman Empire*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 382 pp., ilustrado, ISBN 978-989-26-2335-1

http://doi.org/10.14195/1647-8657_62_13

In Memoriam ALAIN TRANOY

Quando me iniciei nas lides epigráficas, pelos finais dos anos 70 do século passado, o mundo era muito diferente, ou assim se julga hoje se nos restringirmos apenas a questões civilizacionais, sempre mais evidentes que os aspetos culturais, quantas vezes efémeros. Por esses anos, e ainda durante bastante tempo assim foi, quem se abalançava a desenvolver qualquer estudo epigráfico de maior ou menor envergadura dispunha essencialmente de duas obras de consulta obrigatória: o incontornável *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL) e o não menos utilizado *Inscriptiones Latinas de la España Romana* (ILER). Tanto um como outro ofereciam os seus problemas, pois o *Corpus* revelava-se um produto típico da escola prussiana, carregado de erudição e naturalmente redigido em Latim. Quanto ao *ILER* as suas gralhas frequentes também não facilitavam a questão a epigrafistas neófitos. As consultas de livros, como o velhinho manual de René Cagnat ou, bastante mais simples, o de Raymond Bloch, além da uma diversidade de artigos onde se podia encontrar alguma coisa interessante para o trabalho que se pretendia, ocupavam longas horas, sem esquecer o interminável preenchimento de inúmeras fichas em papel, de várias dimensões, e depois a redação final, manuscrita ou datilografada.

Meio século passado, a realidade é bem diferente, sem que algumas das práticas tradicionais tenham perdido o seu valor comprovado, inclusivamente por garantirem tempo à imprescindível reflexão ao longo do processo elaborativo de um estudo científico, evitando o precipício proposto pela volúpia da rapidez na publicação e na divulgação, indiscutível mas muito discutível paradigma dos tempos modernos. Sublinho desde já que não defendo a estabilidade de processos, quase sempre sinónimo de imobilismo, mas apenas a utilização regrada das metodologias que vão surgindo e cujos contributos se revelarão progressivamente decisivos, em Epigrafia como noutras ciências da Antiguidade. Deveríamos continuar a utilizar o desenho

depois do aparecimento da fotografia? Ou o mata-borrão depois do Modelo de Resíduo Micromorfológico? É claro, como sempre, que, no fim, tudo depende da maior ou menor facilidade de acesso às novas tecnologias.

Depois deste pequeno preâmbulo memorialista passo de imediato ao assunto desta recensão, o volume *Valete vos Viatores. Traveling Through Latin Inscriptions Across the Roman Empire*, título bem elucidativo do seu conteúdo e do seu inequívoco interesse quer para epigrafistas, quer para um público mais geral, académico ou não. A publicação da obra faz parte de um projeto de maior envergadura, patrocinado pelo Programa Europa Criativa, e associando Universidades de Espanha, França, Itália e Portugal, enriquecido por intervenções de Museus dos mesmos países. Sublinho que este projeto ocorre na altura própria, considerando a pretendida decadência das ciências da Antiguidade, com a qual se deve relacionar também o progressivo desaparecimento do ensino das línguas latina e grega. Na verdade, como penso, este enfraquecimento das Humanidades Clássicas, e emprego o conceito na sua maior latitude, não resulta de um fenómeno natural, antes parece induzido por posições ideológicas, pretensamente utilitaristas, comprometidas com uma visão histórica redutora e desinteressada da Antiguidade Clássica, ainda que o Império Romano não deixe de ser evocado, quando convém, como modelo funcional de projetos contemporâneos, o que, no mínimo é anacrónico e espacialmente desajustado.

Há muito que me interrogo sobre como poderemos ter historiadores medievalistas e modernistas sem uma base sólida de Humanidades Clássicas, problema que, muito naturalmente, também aflige os estudos epigráficos, os quais, apesar de tudo, não acusam ainda os constrangimentos que os prejudicam. À custa desta situação surgiu a ideia generalizada de que existe uma crise de vocações e que o ensino se limita a um grupo-alvo muito reduzido de especialistas confinados aos muros das Universidades e das Academias, um grupo que, como escreveu Samuel Kramer num livro de enorme divulgação apesar do tema, a propósito do sumerólogo, um erudito que *sabe tudo sobre quase nada* (KRAMER, 1963: 15), o que não é, seguramente, o caso da Epigrafia Latina.

O projeto inclui, para além do volume em apreciação, cuja edição competiu à Imprensa da Universidade de Coimbra, com coordenação dos nossos colegas Javier Andreu Pintado, Armando Redentor e Elena Alguacil Villanúa, um museu virtual e um videojogo, da competência da Trahelium Studio, inspirado no conceito de *archaeogaming* (REINHARD, 2018), combinando jogo e aquisição de conhecimentos. Finalmente, a destacar uma série documental televisiva de quatro episódios, realizada pela Clau Creative S. L. e centrada em sítios dos quatro países representados no Projeto e apoiados pelas Universidades de Navarra, Coimbra, Bordéus e La Sapienza, de Roma, assim como pelo *Musée de l'Aquitaine*, *Museu Nazionale Romano* e Município de Idanha-a-Nova. Os episódios televisivos, para os quais desejamos uma rápida transmissão, pela nossa televisão pública, constituem uma autêntica viagem através da Epigrafia

Latina com recurso a visitas agradavelmente protagonizadas por uma aluna de Navarra, Ane Urrizburu, que o guião desloca a estações arqueológicas e a museus para conhecer e estudar *in loco* as epígrafes.

Nas quase 400 páginas da obra vamos encontrar um enorme manancial de informações sobre as várias componentes do Projeto e não poucas reflexões sobre a ciência epigráfica e sobre os incontornáveis desafios, dificuldades e possibilidades que a Era Digital lhe oferece. Nele encontramos um conjunto de doze artigos, contando o prólogo no qual José d'Encarnação, não esquecendo as dificuldades que apresenta a sua limitação atual nos *curricula* universitários, faz uma esclarecedora resenha sobre a evolução da Epigrafia Latina em Portugal, que tão devedora lhe é, como devemos reconhecer. Um total de 17 autores assina os artigos, alguns dos quais se repetem em várias contribuições. Embora o desejasse, a variedade e densidade dos contributos reunidos não permite uma análise exaustiva de cada um deles, limitando-me a alguns aspetos que me parecem mais relevantes.

O primeiro artigo *Valete Vos Viatores. New tools for teaching Roman Epigraphy*, de Andreu Pintado, trata das grandes possibilidades que a tecnologia do século XXI oferece para o estudo da Epigrafia, sobretudo numa fase de enfraquecimento da formação clássica de outrora. A criação de um curso de epigrafia *on-line* perfila-se como uma forma prática de obviar à diminuição da oferta nos elencos universitários, tanto mais que pode alcançar um público mais alargado e familiarizado desde muito jovem com o uso de instrumentos informáticos. O videojogo, por exemplo, explica passo a passo a feitura de uma inscrição, os vários tipos, a sua localização pública e outros aspetos importantes. O autor lembra o valor das inscrições para o estudo da história romana e das províncias do Império, considerando-as, com total razão, primordiais para a Arqueologia e para a História Antiga, ainda que a falta de conhecimentos da língua latina possa suscitar problemas. Recordo, a este propósito uma experiência que fiz há alguns anos com alunos de uma Escola Secundária a que mostrei uma inscrição árabe, de Évora, e a inscrição de Idanha-a-Velha que comemora Gaio César (*AE* 1961 246). A primeira deixou a turma perplexa, como seria de esperar, mas a segunda não levantou problemas de leitura e de interpretação. Que se tirem conclusões.

O segundo artigo, *Old wine in new skins: a videogame with an epigraphic theme*, assinado por Andreu Pintado, Serrano Basterra e Ibero Iriarte, ocupa-se especialmente do videojogo e das suas potencialidades como vetor de informações sobre a evolução do hábito epigráfico na Hispânia, entre Augusto e a sua consolidação com os imperadores flávios, ao que não foi alheia a concessão do direito latino por Vespasiano. O jogador transforma-se num *scriptor*, ocupando-se de formalizar na pedra os pedidos de uma clientela diversa e que, como hoje, desejava deixar uma memória ou um elogio, político ou não. A realçar que se trata do primeiro videojogo de temática epigráfica na Europa, com formidáveis reconstituições 3D. O jogo desenvolve uma história de pai e filho, oficiais do mesmo ofício, que se deslocam, curiosamente, do

centro para a periferia, o que permite abordar cenários em Roma, Bordéus, Santa Criz de Eslava e Idanha-a-Velha. A quantidade e qualidade da informação disponibilizada, nomeadamente quanto ao ambiente das oficinas epigráficas, suas instalações e materiais utilizados pelos *officinadores* é devidamente realçado pelos autores.

Carlota Caruso e Agnese Pergola ocupam-se em *Avvicinarsi agli antichi attraverso l'epigrafia: l'esperienze sui canali social del Museo Nazionale Romano* dos resultados impactantes da Covid nas redes sociais e os novos caminhos que, em resultado, o museu experimentou não só para manter o contacto com o público habitual, como para atrair novos interessados, prestando especial atenção às várias faixas etárias em presença, um todo tendente a “humanizar” a epigrafia, por vezes como uma espécie de jogo infanto-juvenil, opção com a qual nem todos concordarão, julgo, mas que faz pensar na invenção de inscrições pelos humanistas da Idade Moderna, agora com um sentido inclusivo muito mais aberto.

Outra participação de tema museológico foi a de Valentina Uglieti, intitulada *Epigrafia e Storytelling: il caso dei Musei Civici di Regio Emilia*, título que exprime muito bem o seu conteúdo, referindo principalmente soluções pedagógicas *pop*, como a autora assume, desenvolvidas pelos museus desta região italiana atravessada pela famosa *Via Emilia*, protagonista central de uma bem conseguida exposição temporária denominada significativamente *On the Road – Via Emilia 187 a.C. – 2017*. O problema, ou um dos problemas da difusão dos acervos epigráficos é o da perda do contexto original e o da comunicação para gentes de outras épocas, o que parece ter sido bem conseguido pelos MCRE, através da economia expositiva e do recurso a meios digitais *online*. Apraz-me verificar que, neste caso, 38% das consultas provém de países de língua castelhana e portuguesa, no ano de 2020 que, por razões conhecidas, viu aumentar este tipo de acesso à informação. O recurso a guiões que lembram o velho género cinematográfico italiano denominado *Peplum* (MANTAS, 2003: 177-198), mostrou-se eficiente. Não posso deixar de recordar esses filmes dos anos cinquenta e sessenta, bem diferentes da produção hollywoodesca de tema romano, filmes que eu via sem preocupação de verdade histórica, mas porque me faziam passar a outro tempo e a querer saber mais sobre ele. O método parece ser eficiente.

O artigo seguinte, *Il potenziale didattico dell'epigrafia digital, tra spirito critico e spirito cívico* é assinado por Silvia Orlandi. A autora volta a referir as transformações induzidas pela Covid, reconhecendo a inevitabilidade de recorrer aos recursos digitais disponíveis para a investigação epigráfica, sem deixar de apontar alguns efeitos perversos resultantes, como o enfraquecimento da atenção e concentração, considerando a necessidade de estabelecer vários níveis de utilização. Refere-se à importante digitalização do *CIL* (ele aí está!) e a alguns bancos de dados disponíveis como o *Epigraphische Datenbank Clauss / Slaby* e o *Epigraphic Database Roma*, entre outros menos ambiciosos. Um aspeto que me parece muito importante

e ao qual Orlandi presta atenção especial é o da digitalização dos acervos documentais de bibliotecas e museus, como por exemplo sucede com os Museus Vaticanos, pois considera esta “fixação” dos documentos, sobretudo em zonas de riscos naturais ou antrópicos, que parecem ser uma condenação dos tempos presentes. Ocorre-me perguntar quando se procederá a idênticos registos na Universidade de Coimbra.

O artigo seguinte leva-me a recordar tempos passados e colegas desaparecidos. Trata-se de *Les bases de données épigraphiques et l'Institut Ausonius à l'ère des Humanités numériques*, da responsabilidade de Navarro Caballeros, Nathalie Prévôt, Johnatan Edmondson e Ruiz Darasse. Os vários programas centrados na epigrafia, sobretudo latina, estruturaram-se em torno de PETRAE, um programa que vi dar os primeiros passos, ou soletrar as primeiras letras, nos já quase esquecidos anos 80 do século transato quando frequentei com assiduidade o então *Centre Pierre Paris*, de Bordéus III, e a *Maison des Pays Ibériques*. Por essa época a digitalização era quase uma aventura e o Centre contava um grupo de notáveis epigrafistas e técnicos que souberam compreender o interesse do projeto, como os autores recordam. Com altos e baixos PETRAE consolidou-se e é agora acompanhado por outros, como o ADOPIA, de novo orientado para a Península Ibérica, mas com nula ou muito reduzida participação de epigrafistas portugueses, o que é estranho considerando que existe mesmo um ADOPIA LUSITANIA, de certo modo concorrente com o CIL II², consequência lógica da edição pelo Grupo Mérida do *Atlas Antroponimico de la Lusitania Romana*, em 2005. Gostaríamos de voltar a encontrar o ecumenismo evocado por Robert Étienne, no tempo dos grandes laços entre o Centre Pierre Paris e o Instituto de Arqueologia de Coimbra, também agora transfigurado numa secção departamental, Instituto que não deixou de prestar em espírito de boa colaboração alguns serviços ao programa PETRAE.

Voltemos a página para nos dedicarmos de novo a Roma, agora através do artigo de Silvia Orlandi e Angela Mincuzzi, *Scrivere sui muri nella Roma Antica*, desenvolvendo um tema pouco tratado e que o nosso respeitado Martins Capela poderia incluir no que chamava *migalhas de epigrafia romana* (CAPELA, 1895: 245). As autoras chamam a atenção para esta epigrafia espontânea, pelo menos em parte, pois distinguem, muito bem, entre o que é escrito respondendo a uma ideia preconcebida, programática, como dizem, e as inscrições que designaremos de rompante ou instintivas. Interrogam-se também sobre a diferença entre inscrições parietais pintadas e grafitos. Devem ser inseridas no mesmo catálogo? Estas inscrições, muito conhecidas das ruínas de Pompeios e Herculano, não abundam em Roma, por razões evidentes, onde orçam pelas 150, e são normalmente de difícil interpretação. Propõem a criação de uma base de dados a incluir no *Epigraphic Database Roma*, o que não só facilitaria a difusão da informação como poderia estimular a discussão dos casos mais complicados ou polémicos. A propósito desta epigrafia ocorre-me perguntar para quando a criação de uma base de dados sobre os *tituli picti* anfóricos,

que tão dispersos andam e tão preciosos são para a história da economia e a navegação do mundo romano.

Volto a caminhar em terrenos experimentados com o artigo seguinte, *Apontamentos sobre a paisagem epigráfica da capital dos Igaeditani*, assinado por Armando Redentor, Pedro Carvalho e José Cristóvão, talvez o mais *epigráfico* de todo o volume. Os autores sublinham o valor da paisagem epigráfica para definir uma comunidade e o seu grau de integração na romanidade, refletido pela escrita e pela língua, seguramente mais do que pela *sigillata* ou outras benesses materiais do *Roman way of life*, creio. Oferecem uma síntese atualizada e completa da história da capital dos *Igaeditani*, evitando designá-la como *Igaedis*, considerando-a uma fundação augustana, o que a epigrafia local parece, associada a testemunhos arqueológicos, sugerir. Todavia, julgo de considerar uma fase anterior, tardo-republicana, explicável pela necessidade de um melhor controlo do eixo de penetração apontado à Serra da Estrela. A grande via testemunhada pelos miliários de 23/22 a.C. e pelo marco (não miliário) de Argomil (MANTAS, 2019: 190-221), não deixa de sustentar a hipótese da existência anterior de um qualquer limitado estabelecimento de retaguarda, que relacionámos com a fundação de *Norba Caesarina*, em 35 a.C. Aquela via, contudo, não passava por Idanha-a-Velha. A arqueologia dirá a última palavra.

As alterações na estrutura do fórum, coloridamente representado, podem, realmente, refletir uma mudança de estatuto, no período entre 75 e 117, sem que queiramos relacioná-lo diretamente com o título municipal. A importância atribuída a *Tiberius Claudius Rufus*, apesar do achado que o enriqueceu (*CIL* II 5132), talvez deva ser reconsiderada, pois a árula que agradece a Júpiter o achado é modesta (ENCARNAÇÃO *et al.*, 2011: 109-121). Em aberto, apesar das muitas tentativas de reconstituição, continua a questão dos grandes blocos com letras ou grupos de letras. Do pórtico do fórum ou de um anfiteatro? A semelhança com o sucedido em Bobadela pode não ser alheia ao cenário dos *Igaeditani*.

Continuamos em Idanha-a-Velha com o assunto do último artigo deste rico volume, que associa os mesmos autores e Patrícia Dias e Carla Silva, artigo intitulado *A valorização patrimonial das inscrições romanas de Idanha-a-Velha*. Os autores desenvolvem um relato circunstanciado da formação, evolução e vicissitudes do *corpus* epigráfico de Idanha-a-Velha. A própria dimensão da coleção reunida na aldeia, homogénea, o que lhe confere particular importância, não deixa de suscitar problemas. A solução parcial possibilitada pelo Arquivo Epigráfico, estrutura minimalista cuja manutenção não me parece garantida a longo prazo, não resolveu os problemas de um dos maiores acervos epigráficos da Hispânia, com as suas cerca de 300 epígrafes, na maioria achadas localmente.

Os autores destacam a lentidão com que surgiu, depois do trabalho pioneiro de D. Fernando de Almeida, um catálogo científico deste rico material, o que só aconteceu com o trabalho de Ana de Sá (ALMEIDA, 1956: 140-243;

SÁ, 2007: 39-168), em 2007, que utilizou largamente as fichas que elaborámos nos anos 80 e as fotografias do malogrado Delfim Ferreira, falhado por razões que não vêm ao caso o projeto de publicação que acalentámos. As epígrafes andaram dispersas por vários núcleos, parte deles no Museu Nacional de Arqueologia. O núcleo principal situou-se, depois dos trabalhos de D. Fernando de Almeida, na chamada Catedral (Igreja de Santa Maria), recuperada com o auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian, o que torna inexplicável a espécie de *damnatio memoriae* que consistiu na retirada da placa que o comemorava por altura da requalificação do edifício, em 1999. Esta placa fazia parte da história do edifício e é precisamente esta a matéria da epigrafia. As condições de trabalho e de visita não eram, de facto, as melhores, mas o acervo estava, em grande parte, reunido, ainda que algumas inscrições se encontrassem no chamado Museu Lapidar Igeditano e na Capela de São Dâmaso.

O Arquivo Epigráfico reúne agora 86 peças selecionadas, devidamente identificadas mas a necessitar de renovar os apoios digitais. Outras, encontram-se ao ar livre, na chamada Rua Nova, solução que me desgosta particularmente, tanto mais que é considerada provisória o que entre nós significa perdurar até ao esquecimento. Pior ainda, pois voltamos a deparar com a dispersão do acervo é a deslocação de numerosas epígrafes para Idanha-a-Nova, para a reserva do Centro Cultural Raiano, o que torna a discussão sobre a manutenção de uma dezena de inscrições no museu de Castelo Branco sem significado. Tudo isto são problemas a considerar e as 40 inscrições inseridas no museu virtual do Projecto *Valete Vos Viatores* não soluciona de forma satisfatória, embora constituam uma valiosa achega. A coleção epigráfica de Idanha-a-Velha merece uma solução definitiva, integradora, que supere todos os problemas passados e presentes. Não teria sido possível fazê-lo no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência? Finalmente, uma última palavra, lembrando Adelino Beatriz Ramos e a preocupação pela imparável desertificação da aldeia. O problema, julgo, não é o de levar as epígrafes às pessoas, pois os sistemas digitais, como este volume demonstra resolvem satisfatoriamente a questão, o problema é levar as pessoas até às pedras, contribuindo para salvar este tão belo e simbólico povoado.

E de novo Roma, *Caput Mundi e capitale d'Italia*, pela pena de Antonella Ferraro. A autora traça o historial movimentado do *Museo Nazionale Romano*, que se confunde com a história da Itália contemporânea. As características do museu refletem duas circunstâncias dominantes, ser um museu romano e um museu de capital nacional, tocado por várias correntes nacionalistas, compreensíveis. Os problemas práticos que tal dualidade estimulou não foram poucos, em grande parte devido à enorme massa de materiais, não só epigráficos, que recolheu, desde logo os provenientes dos grandes trabalhos de renovação urbana dos séculos XIX e XX, na maioria alheios a escavações científicas programadas.

O museu conta agora com mais três núcleos, permanecendo o principal nas ruínas das Termas de Diocleciano, o primeiro edifício antigo que o

viajante chegando a Roma por via-férrea avista ao sair de *Roma Termini*¹. A autora explica com pormenor as alterações e adaptações experimentadas pela instituição desde a sua fundação oficial em 1889, antecedida por umas soluções ditadas pela avalanche de achados, inclusive epigráficos que as obras, públicas e privadas, produziam. Museu de Roma, museu romano, a sua vocação dirige-se obrigatoriamente para a Urbe e para uma *Oikouménē* que hoje é seguramente diferente, mas para a qual a história de Roma, presente no MNR entre outras coisas pelas 10000 epígrafes antigas que conserva no acervo, permanece um foco irresistível, para além do tempo, do espaço e das culturas.

Não tentarei esboçar conclusões acerca da leitura de uma obra tão diversa em temática como em autores, limitando-me a sublinhar o quanto ela representa de inovador e importante para a salvaguarda, em tempos difíceis, da herança da Antiguidade Clássica, alvo de ataques ideológicos e de destruições físicas por parte de neo-bárbaros com os quais a condescendência tem sido absurda. A sua leitura deve ser considerada importante, pelo que discute, demonstra e propõe. Há pouco mais de meio século Georges Ville, em frases muito duras, chamava a atenção para o perigo de abandonar a erudição na Arqueologia e na Epigrafia em troca de *gadgets* de fácil aceitação pública e de pouca ou nenhuma exigência científica (VILLE, 1968: 1-8). Eu próprio me sinto pouco confortável com algumas reconstituições 3D que revistas de grande divulgação costumam mostrar regularmente, até porque por vezes sei que pouco havia acima dos alicerces. Sugerir é uma coisa, fazê-lo sem o indicar é outra. A obra que analisámos mostra da melhor forma com é possível associar tecnologia e erudição, no caminho de um futuro, também neste caso sustentável, para as Ciências da Antiguidade e, por associação, para a Herança Clássica, isto apesar das modas e ditames externos que vão prejudicando, por contágio, o mundo académico. Neste combate pela História a Epigrafia encontra-se na primeira linha: *En vérité, on conçoit mal un historien de Rome qui ne soit pas en une certaine mesure épigraphiste, mais a coup sûr, il n'est pas d'épigraphiste qui ne soit, en même temps, historien* (BLOCH, 1964: 6). Os autores, que felicitamos, compreenderam perfeitamente esta verdade antiga.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fernando de (1956) – *Egitânia. História e arqueologia*, Lisboa.
BLOCH, Raymond (1964) – *L'épigraphie latine*, Paris.
CAPELA, Martins (1895) – *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, Porto.

¹ Durante largos anos imaginei chegar a Roma de comboio, pelo norte, e desembarcar na *Piazza dei Cinquecento*. Quando aconteceu, não foi assim, cheguei de automóvel, de noite e ido de Nápoles por Cassino.

- ENCARNAÇÃO, José d' *et al.* (2011) – Gestão aurífera e afirmação epigráfica: o caso de Tiberius Claudius Rufus (CIL II 5132) de Idanha-a-Velha, in BATATA, Carlos, ed. – *VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, Abrantes, pp. 109-121.
- KRAMER, Samuel N. (1963) – *A história começa na Suméria*, Lisboa.
- MANTAS, Vasco (2003) – *Imaginário e imagens. A civilização romana através do Peplum*, in FERREIRA, José Ribeiro e DIAS, Paula Barata, eds. – *Som e Imagem no Ensino das Línguas Clássicas*, Coimbra, pp. 177-198.
- MANTAS, Vasco (2019) – A política viária de Augusto na Lusitânia, in NOGALES BASARRATE, Trinidad e BARRERO MARTÍN, Nova, eds. – *La fundación de Augusta Emerita y los orígenes de Lusitania*, Mérida, pp. 190-221.
- REINHARD, Andrew (2018) – *Archaeogaming: an introduction to Archaeology in and on Video Games*, Nova Iorque.
- SÁ, Ana de (2007) – *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Idanha-a-Nova.
- VILLE, Georges (1968) – *Archéologie*, Paris.

Vasco Gil Mantas

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

vsmantas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6109-4958>